



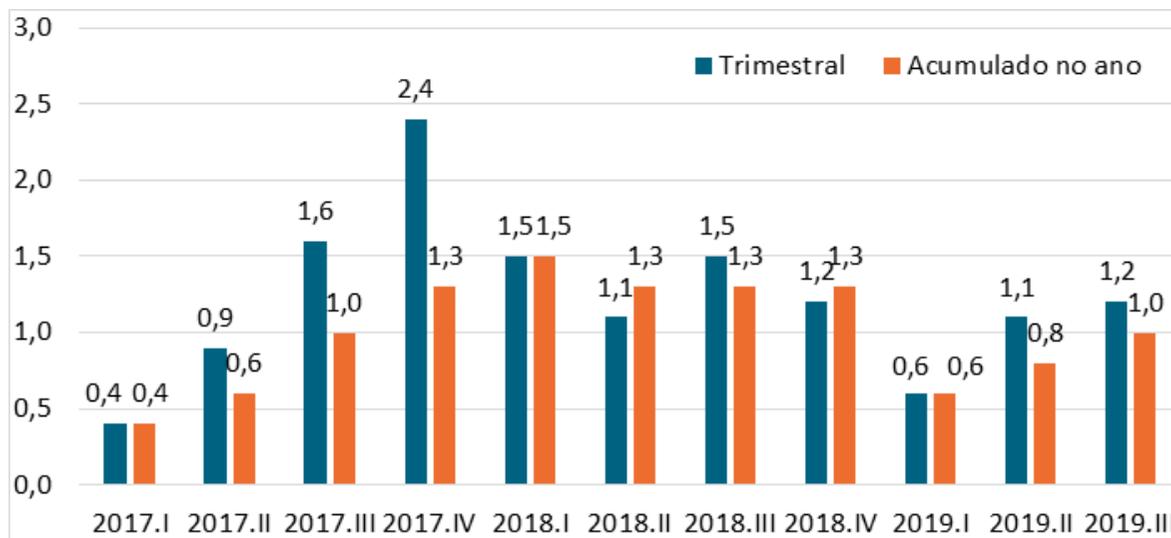
Boletim Conjuntural Dezembro | 2019

1. CONJUNTURA NACIONAL

A trajetória econômica nacional vem mantendo crescimento em 2019, mesmo que em ritmo lento. Dados sobre a evolução do PIB trimestral (IBGE), **Gráfico 1**, revelam que a produção de bens e serviços no país se mantém em padrão de modesto e crescente variação: 0,6% no primeiro trimestre; 1,1% no segundo; e 1,2% no terceiro. O indicador do desempenho acumulado do ano, também crescente, referenda tal padrão: 0,6% até março; 0,8% até junho; e 1,0% até setembro. Ademais, o indicador que antecipa a variação do PIB – Índice de Atividade Econômica (IBC-BR)/Banco Central, referente ao resultado acumulado deste ano (janeiro a outubro) – também mostra variação de 1,0% (em relação a idêntico período de 2018).

A tal cenário se associa expectativa de aumento do PIB de 1,12% em 2019 – de acordo com o Boletim Focus/Bacen (13/12/2019). Portanto, um desempenho muito próximo ao dos dois anos anteriores, quando a economia nacional cresceu 1,3% – tanto em 2017 quanto em 2018.

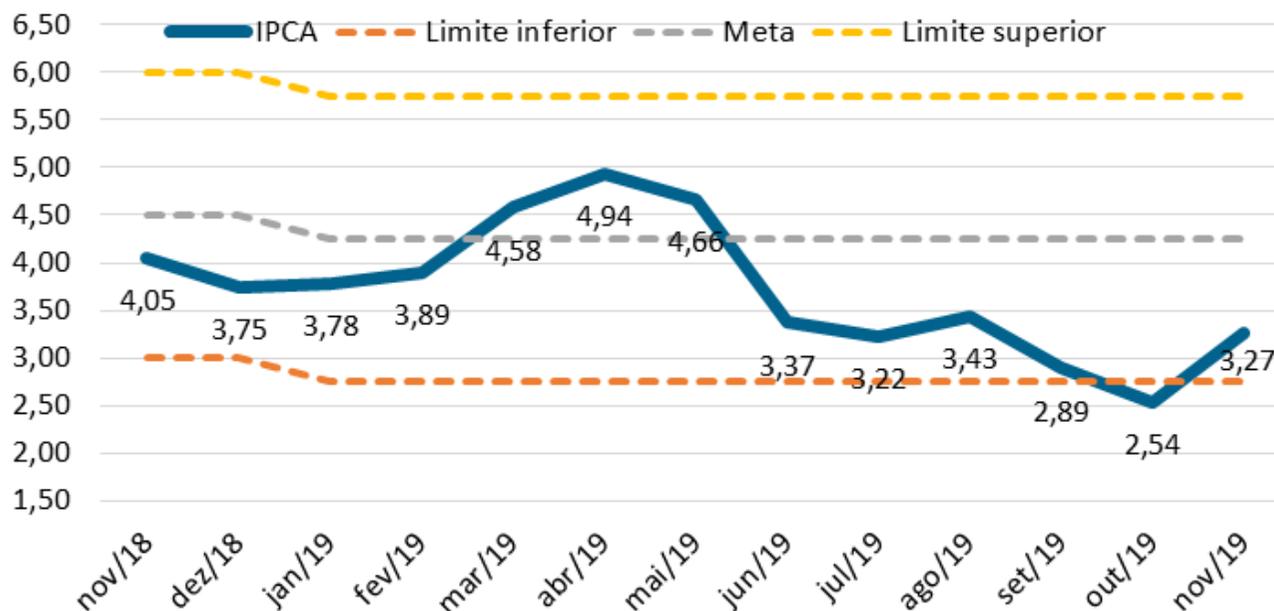
Gráfico 1. Brasil: taxas de variação trimestral e acumulada no ano do PIB a preços de mercado, em % – 1º trimestre de 2017 ao 3º trimestre de 2019 (base: mesmo período do ano anterior)



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

No que se refere a inflação, o indicador oficial (IPCA, Índice de Preços ao Consumidor Amplo), acumulado em 12 meses, atingiu 3,27% no mês de novembro de 2019 – conforme ilustrado no **Gráfico 2**. Índice compatível com a estimativa de inflação anual, para este ano, de 3,92% (Relatório Focus/Bacen de 13/12/2019). A variação geral dos preços mantém-se, portanto, abaixo do centro da meta oficial (4,25%) e deverá assim fechar o ano, a despeito de significativa aceleração neste final de ano (com alimentos – carnes, principalmente – liderando o movimento ascendente).

Gráfico 2. Brasil: Inflação (%) – IPCA acumulado em 12 meses. Novembro/2018 a novembro/2019 (base: 12 meses imediatamente anteriores)

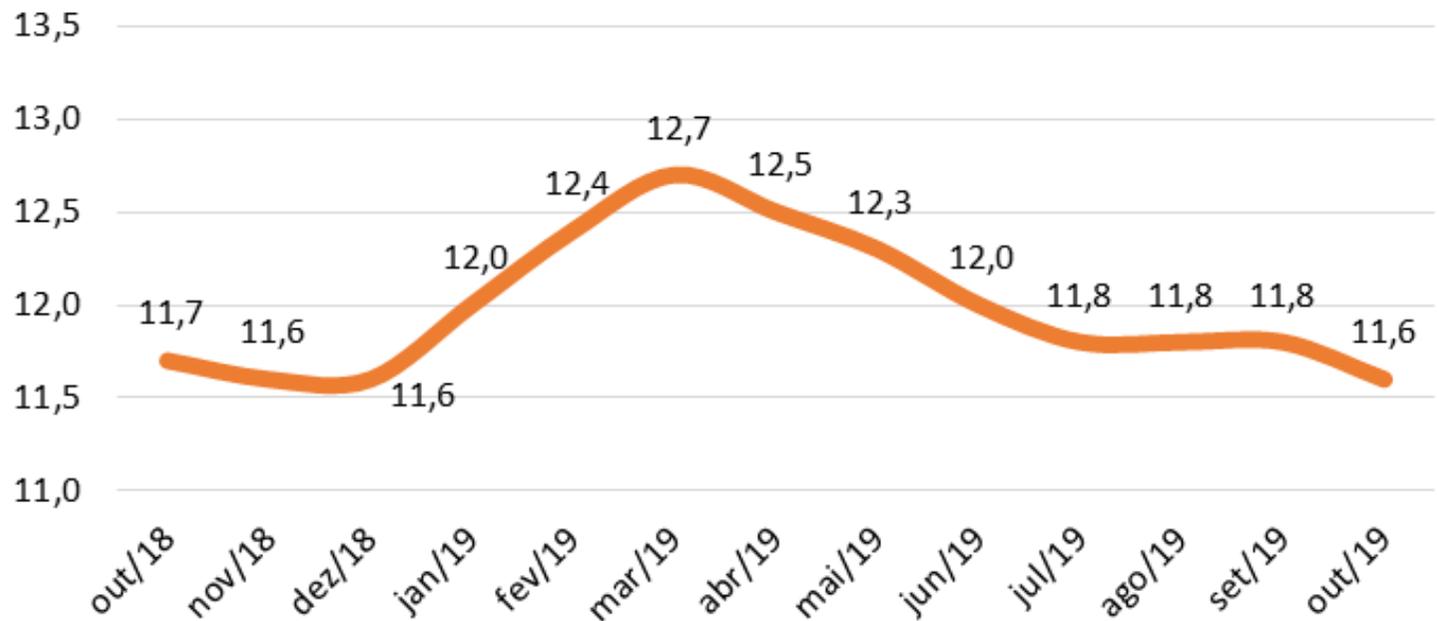


Fonte: Sistema Nacional de Preços ao Consumidor/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

O mercado de trabalho, um dos indicadores que retratam o desempenho da economia, também revela alguma melhora. Dados da PNAD Contínua informam que a taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais situa-se em 11,6% no trimestre agosto-setembro-outubro deste ano, tendo-se por base de comparação o mesmo período do ano passado – **Gráfico 3**. No entanto, a despeito da trajetória de declínio da taxa de desemprego desde o trimestre encerrado em fevereiro de 2019 (quando tal indicador estava em 12,7%), o atual patamar de desemprego (11,6% da PEA), se traduz, em termos absolutos, em um elevado montante de 12,4 milhões de pessoas desocupadas – 100 mil a menos do que o observado no mesmo período do ano anterior. Acrescente-se que nesse período a população ocupada revelou aumento de 1,5 milhão de pessoas. Desse total de novos empregos, todavia, bem mais de metade é representado por pessoas engajadas em postos de trabalho informais.

Em tal ambiente de moderado crescimento da população ocupada, aumento da precarização do trabalho, e inflação baixa, a variação da massa real de salários no trimestre agosto-setembro-outubro (**Gráfico 4**), é de 2,6% em termos reais, em comparação com igual período do ano anterior. Disso resulta um crescimento não muito expressivo da renda familiar – que não chega a gerar grande pressão (de demanda) sobre os preços. De todo modo, observa-se um crescimento da renda das famílias – fator básico para sustentação/crescimento da demanda por bens e serviços – que permite espaço para manutenção de certo volume de negócios nos segmentos de varejo e de prestação de serviços no país.

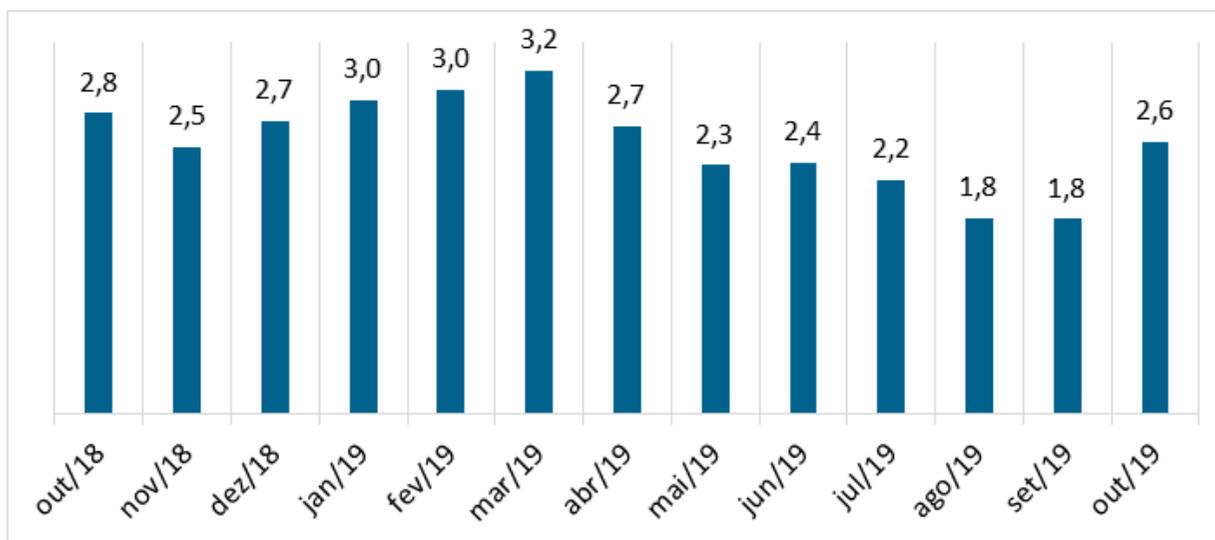
Gráfico 3. Brasil: taxa de desocupação das pessoas com 14 anos ou mais de idade (média móvel trimestral), em % – outubro/2018 a outubro/2019



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Nota: Considera a média móvel trimestral do universo das pessoas de 14 anos ou mais desocupadas e na força de trabalho, sendo o mês de referência tomado como limite superior do trimestre.

Gráfico 4. Brasil: variação real da massa de rendimentos do trabalho (média móvel trimestral) das pessoas de 14 anos ou mais ocupadas e com rendimento do trabalho, em % – outubro/2018 a outubro/2019 (base: mesmo período do ano anterior)



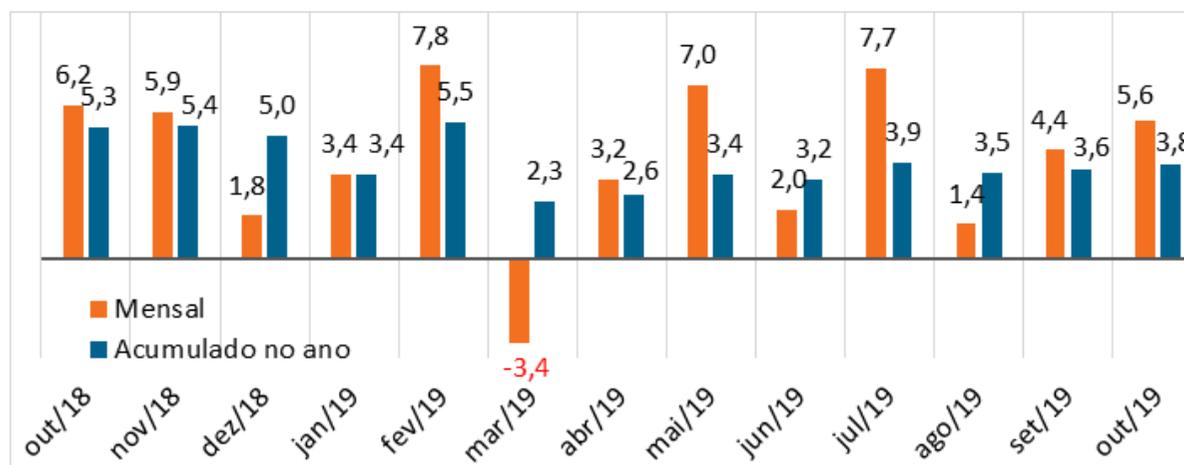
Fonte: IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Nota: O indicador de média móvel trimestral é calculado considerando-se o mês de referência, em cada divulgação, como limite superior. Os valores da série são corrigidos pelo deflator (IPCA) do mês intermediário.

Intensifica-se crescimento do comércio varejista em 2019

Indicadores da evolução do volume de vendas do **varejo ampliado** – agregado que resulta do acréscimo de ‘veículos, motocicletas, partes e peças’ e ‘materiais de construção’ ao conjunto de segmentos que compõem o comércio varejista propriamente dito – são apresentados no **Gráfico 5**. Trata-se do resultado mensal e do indicador acumulado no ano, procedimentos também adotados no tratamento de informações sobre o **varejo restrito (Gráfico 6)**. O volume de vendas no país, em ambos os casos, cresceu fortemente em outubro de 2019, sendo base de comparação os números referentes ao mês de outubro de 2018. O crescimento, no varejo ampliado, foi de 5,6%; e de 4,2% no restrito. O outro indicador, resultado acumulado no ano (janeiro a outubro), confrontado ao correspondente a igual período do ano passado, revela crescimento de 3,8% e 1,6% – varejo ampliado e varejo restrito, respectivamente. Como usualmente vem sendo verificado, o crescimento mais forte do varejo ampliado tem influência do desempenho diferenciado do segmento de automóveis e, mais recentemente, também do bom desempenho do segmento de material de construção.

Gráfico 5. Brasil: variação mensal e acumulada no ano do Comércio Varejista Ampliado, em % – outubro/2018 a outubro/2019 (base: mesmo período no ano anterior)



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

O varejo, nas duas acepções (ampliado e restrito) alcança um volume de vendas acumulado no ano que supera o crescimento observado na economia do país como um todo. Falta ao país um processo mais rápido de ajustes institucionais, o que – associado a baixa inflação, taxa Selic em 4,5% e ampla capacidade ociosa – poderia impulsionar uma mais rápida e consistente retomada do crescimento econômico.

Gráfico 6. Brasil: variação mensal e acumulada no ano do Comércio Varejista, em % – outubro/2018 a outubro/2019 (base: mesmo período no ano anterior)

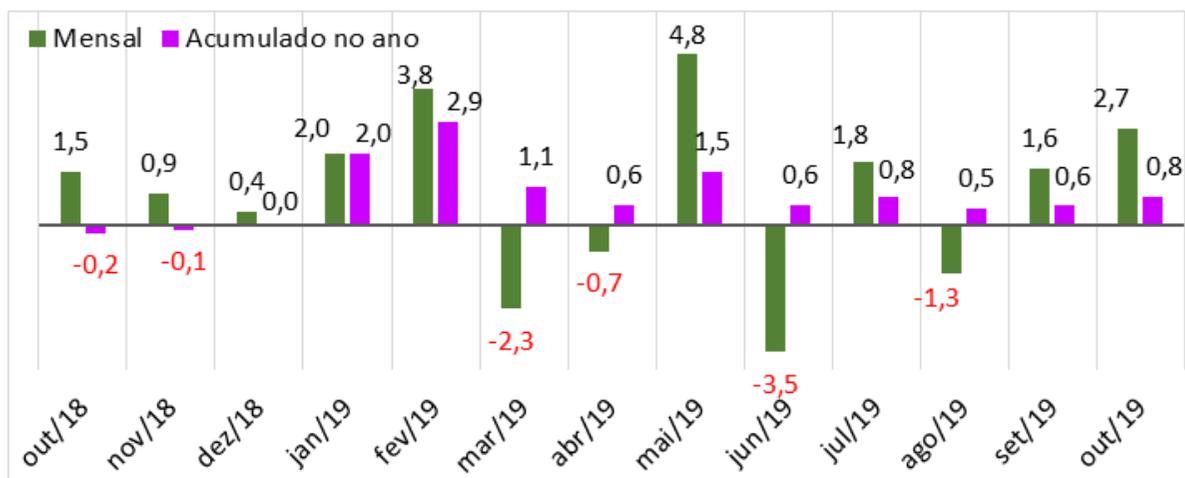


Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Desempenho dos serviços levemente positivo em 2019

A expansão observada neste ano no varejo não tem correspondente – em proporção similar – no setor de prestação de serviços, em que o crescimento chega a 1,8% (base: outubro 2018). O indicador referente ao resultado acumulado deste ano reflete tal padrão, e passa de 0,6% (janeiro a setembro) para 0,8% (janeiro a outubro), em confronto com os respectivos mesmos períodos de 2018 – como revela o **Gráfico 7**. Resultado que basicamente acompanha o discreto desempenho global da economia brasileira.

Gráfico 7. Brasil: variação mensal e acumulada no ano do volume de Serviços, em % – outubro/2018 a outubro/2019 (base: mesmo período no ano anterior)

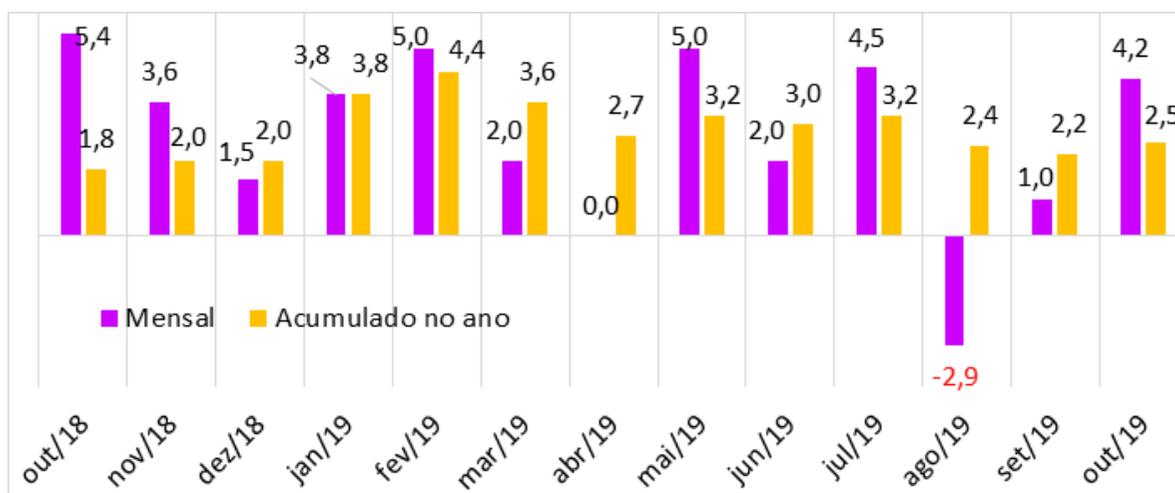


Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Turismo: desempenho também positivo em 2019

As atividades de turismo, como um conjunto, também continuam apresentando resultados positivos. Crescimento mensal de 4,2% em outubro e de 2,5% no acumulado do ano (janeiro a outubro) – ver **Gráfico 8**.

Gráfico 8. Brasil: variação mensal e acumulada no ano do volume de Atividades Turísticas, em % – outubro/2018 a outubro/2019 (base: mesmos períodos do ano anterior)



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Os números até aqui examinados revelam que tanto os indicadores relativos ao volume de vendas do varejo, quanto os associados a prestação de serviços continuam revelando desempenho positivo. Ademais, no caso do varejo, tal crescimento contemplam resultados que superam o desempenho da economia brasileira como um todo.

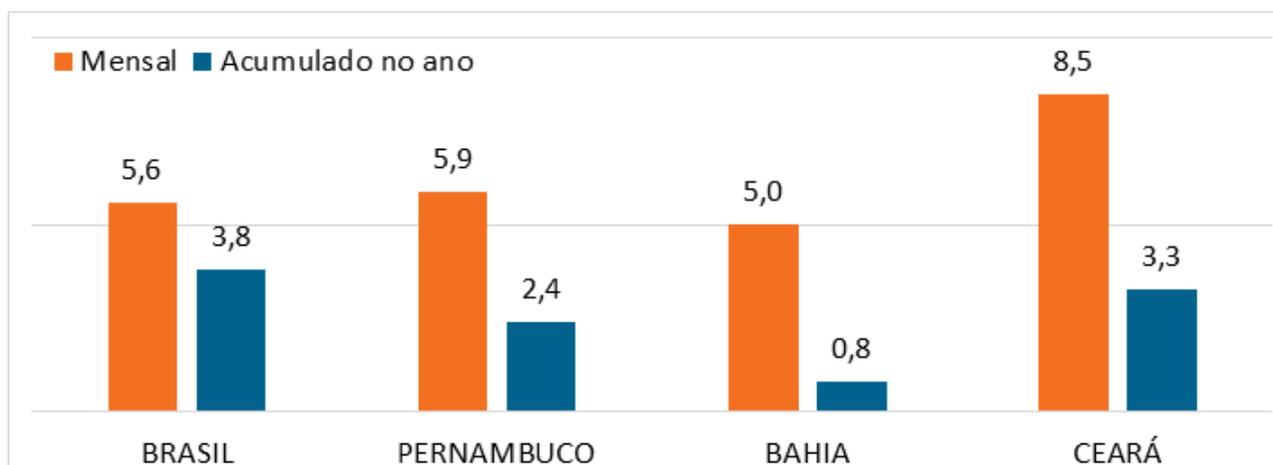
2. COMÉRCIO VAREJISTA E SERVIÇOS EM OUTUBRO DE 2019: PERNAMBUCO NO CONTEXTO NACIONAL/REGIONAL

Nesta seção, incorporam-se à análise informações que permitem se contextualizar o desempenho do comércio varejista e da prestação de serviços em Pernambuco, estabelecendo-se comparações com indicadores referentes ao país e aos estados economicamente mais expressivos da região Nordeste. Informações básicas para o mês de outubro de 2019 são apresentadas nos **Gráficos 9 e 10**.

O varejo ampliado pernambucano segue revelando desempenho abaixo do registrado para o país: é o que se vê no resultado acumulado deste ano (janeiro a outubro), tomando-se como base igual período de 2018: crescimento de 2,4% em Pernambuco contra 3,8% no Brasil.

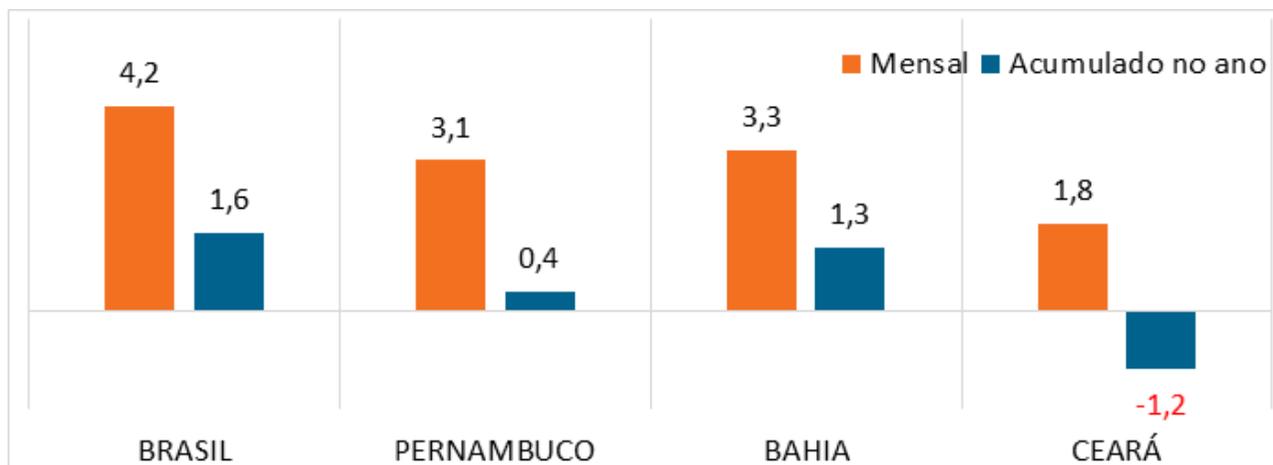
No que diz respeito ao varejo restrito, o indicador referente ao acumulado do ano também revela um crescimento bem maior no país, vis-à-vis Pernambuco. De fato, no Estado tal crescimento é de apenas 0,4% – em contraste com 1,6% no país como um todo. O mesmo não acontece quando são comparados indicadores mensais – outubro de 2019 comparado com outubro de 2018. O desempenho do varejo ampliado em Pernambuco fica um pouco acima do observado para o país: 5,9% contra 5,6% no varejo ampliado. Já no varejo restrito estadual, o desempenho volta a ser inferior ao do país: variação positiva de 3,1% versus 4,2% – respectivamente.

Gráfico 9. Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação mensal e acumulada no ano do volume de vendas Varejo Ampliado, em % – outubro/2019 (base: mesmo período do ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

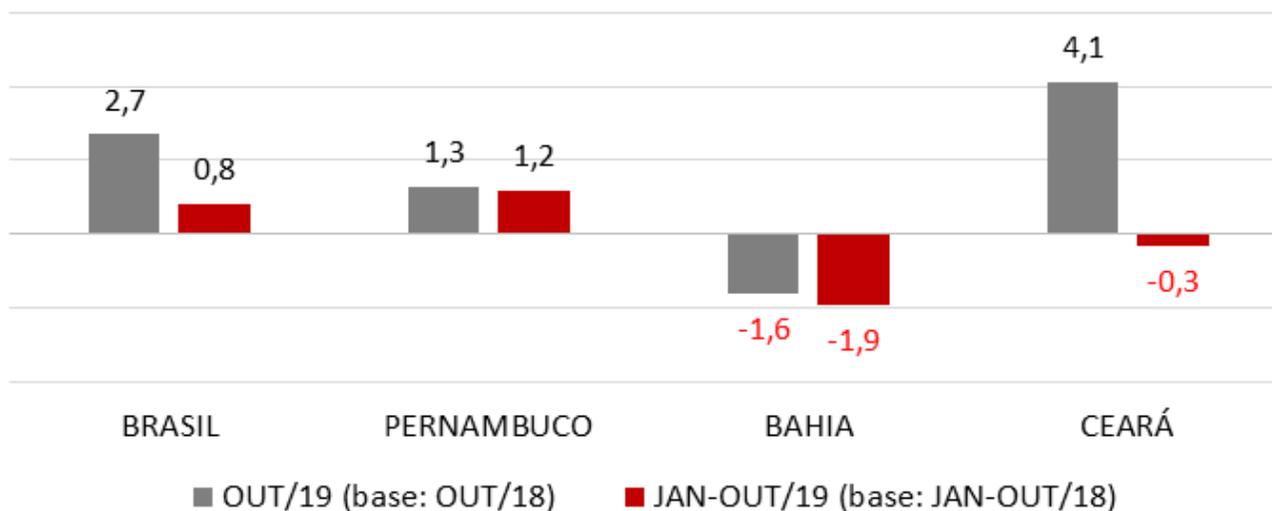
Gráfico 10. Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação mensal e acumulada no ano do volume de vendas no Varejo, em % – outubro/2019 (base: mesmo período do ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Por outro lado, no que concerne ao setor de prestação de serviços – **Gráfico 11** – Pernambuco registra um crescimento de 1,2% no acumulado do ano (janeiro a outubro) e 1,3% no resultado mensal de outubro. Portanto, desempenho superior ao observado no âmbito nacional (0,8% no acumulado no ano) e inferior ao crescimento mensal de 2,7% observado no país, em outubro. Observe-se, ademais, que – no plano regional – o desempenho positivo do volume de prestação de serviços em Pernambuco, no resultado acumulado do ano, também contrasta com os números negativos tanto do estado da Bahia (-1,9%), quanto do Ceará (-0,3%).

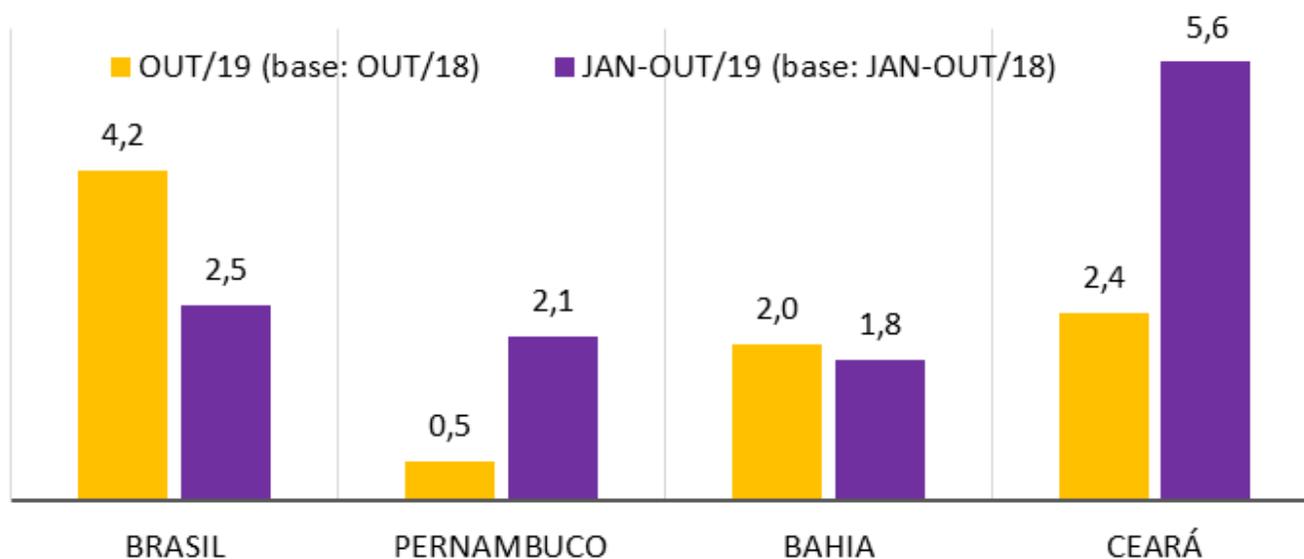
Gráfico 11. Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação mensal e acumulada no ano, do volume de Serviços, em % – outubro/2019 (base: mesmo período do ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Por fim, no que se refere ao segmento de turismo, são novamente considerados os três principais estados nordestinos, mantendo-se a contextualização no espaço nacional. O **Gráfico 12** traz as informações necessárias, recorrendo-se ao indicador acumulado em 2019 e ao índice mensal do volume de atividades turísticas de outubro de 2019 relativamente ao volume observado em outubro de 2018.

Gráfico 12. Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação no ano do volume de Atividades Turísticas, em % – outubro/2019 (base: mesmos períodos do ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Assinale-se que em termos de atividades turísticas, Pernambuco revela desempenho positivo no resultado acumulado deste ano (2,1%) e também positivo no indicador mensal (0,5%). Isso ocorre em um cenário em que o país como um todo mostra crescimento mais intenso, tanto no indicador acumulado do ano (2,5%), quanto no crescimento observado no mês de outubro (4,2%). Em termos regionais, os dados para o Ceará trazem crescimento bem diferenciado para o turismo no resultado acumulado do ano (5,6%). No resultado mensal de outubro, o desempenho apresentado pelo Ceará também supera Pernambuco e Bahia; embora fique bem abaixo do observado no país (4,2%).

3. SÍNTESE E PERSPECTIVAS

Os dados mostram que o elevado nível de desocupação da força de trabalho, cujo pico se aproximou de 13,0% no primeiro trimestre de 2019, vem decrescendo a partir daí, até os atuais 11,6% – o que, mesmo sendo ainda muito expressivo, é boa notícia, pelo menos para o contingente de indivíduos que logram sair do desemprego.

O crescimento da produção de bens e serviços mantém modesto crescimento: 0,6% no primeiro trimestre; 1,1% no segundo; e 1,2% no terceiro (relativamente aos respectivos trimestres de 2018). Tal trajetória é referendada pela evolução do indicador acumulado do ano: 0,6% até março; 0,8% até junho; e 1,0% até setembro. Ademais, o IBC-BR referente ao resultado acumulado deste ano (janeiro a outubro) também aponta para 1,0% (em relação a idêntico período de 2018).

De todo modo – mesmo bem distante dos mais de 2,0% antevistos depois dos resultados da eleição presidencial – o que agora se vê reflete uma discreta retomada de ânimo pelos agentes econômicos em decorrência de reformas (realizadas ou em discussão) e de melhoria dos fundamentos macroeconômicos.

Os próprios indicadores referentes ao desempenho do varejo no país causaram certo otimismo a agentes econômicos e analistas. Revelou-se um forte crescimento do volume de vendas no país, em outubro de 2019, tendo-se por base o mesmo mês de 2018: crescimento de 5,6% do varejo ampliado e de 4,2% do varejo restrito; e o resultado acumulado no ano (janeiro a outubro), confrontado ao correspondente a igual período do ano passado, alcança variações de 3,8% e 1,6% – na mesma respectiva ordem.

A elevação de expectativas positivas reflete a recente aprovação da reforma da previdência. Ademais, fatos como expansão do crédito e meses seguidos de saldo positivo de postos de trabalho no setor formal são também fatores alimentadores dessa melhora de expectativas. Os principais veículos da grande imprensa ecoam o que seria o estabelecimento de um novo ambiente econômico. Nesse ambiente, diminuem a desconfiança sobre a capacidade do setor público de eliminar o déficit no médio e longo prazo. Ademais, é importante se ter com conta que vem sendo alimentado o processo de viabilização de uma reforma administrativa do setor público e de reforma do sistema tributário, em discussão, consideradas como as próximas trincheiras de mudanças estruturais.

De toda forma, há grande espaço para maior ritmo de recuperação da economia. Para isso se conta com baixa inflação, taxa SELIC de 4,5% e ampla capacidade ociosa, cuja importância fica melhor percebida quando se explicita o que está por trás desse importante componente pró-retomada: grande ociosidade de máquinas, equipamentos e instalações, e de um amplo conjunto de força de trabalho em condição de desemprego aberto ou de subutilização.

Todavia, não se deve esquecer que o recente momento de retomada de otimismo de agentes e analistas tem base em fatores de curto prazo no ambiente interno, e em redução de incertezas no plano externo. Parte do crescimento recente, a partir de outubro, se deve a recursos ocasionais de liberação de acesso a quotas do PIS-PASEP e do FGTS no limite de até um salário mínimo, e ao componente sazonal da expansão das vendas no varejo, devido aos festejos natalinos e de passagem para o novo ano. Ademais, continuada redução da taxa SELIC, agora em novo nível ineditamente baixo, contribui para ampliação do crédito, em que tem papel importante o consignado, cujo valor-base da taxa mensal está em 1,6% (considerada baixa para o padrão brasileiro, mas significativamente alta em ambiente de inflação inferior a 4,0% ao ano).

Por outro lado, redução de incertezas no cenário internacional (esfriamento de tensões comerciais EUA-China e perspectiva de acordo com respeito a tarifas de importação), e cenário mais definido com respeito ao Brexit, depois de larga maioria parlamentar obtida pelo primeiro-ministro britânico em eleições recentes, constituem fatores que contribuem para recentes piques de valorização nas bolsas mundiais, inclusive no Brasil. No caso brasileiro, atinge-se novo recorde de mais de 114 mil pontos no IBOVESPA, pico também influenciado por transferência de recursos de aplicações em renda fixa para alternativas associadas a maior risco e a maiores ganhos. De todo modo, é importante não se esquecer que volatilidade é palavra-chave quando se trata de ambiente internacional.

Nesse contexto, as contas externas assumem ainda maior importância. No Brasil, o agronegócio tem sido forte elemento de garantia de razoável conforto nas contas externas, produzindo saldos comerciais positivos que, em associação com captação de investimentos estrangeiros diretos (IED), têm contribuído positivamente para o balanço de pagamentos. Todavia – a despeito de tal conforto – já surgem sinais de alerta, como o emitido em editorial do Jornal O Estado de São Paulo (“Atenção ao comércio exterior”), neste 19/12/2019. O crescimento do déficit externo – de 2,0% para 3,0% do PIB, ao longo deste ano – reflete adversidades. Exportações de commodities tiveram crescimento médio de 1,8% no índice de quantum, mas redução de 4,0% nos preços médios de produtos exportados – esta última em boa proporção refletindo menor crescimento da China e de países da União Europeia. Exportações brasileiras de não-commodities também foram afetadas pela crise argentina e de outros países da América Latina. Deve ser lembrado que, no pior momento dos primeiros anos de consolidação do Plano Real (1998), o déficit na conta de transações correntes chegou a ultrapassar 4,0% do PIB – fato que certamente está na memória de agentes econômicos. Proximidade dessa marca certamente justifica o “sinal amarelo” mencionado no referido editorial.

Mas não há dúvida de que existem fatores concretos para certo otimismo neste final de ano. O já mencionado crescimento da economia nesta segunda metade do ano e alguns avanços institucionais, inclusive os que estão em processo (a exemplo de institucionalização de parcerias público-privadas na área de saneamento, em tramitação no Parlamento), fazem parte desses fatores. Elementos que se somam a parâmetros macroeconômicos básicos, entres os quais a reduzida taxa básica de juros. Ademais, a Standard & Poor’s Global Ratings alterou de “estável” para “positiva” a perspectiva do rating de crédito soberano de longo prazo do Brasil. E ainda, em 17/12/2019, o risco-Brasil medido pelo CDS (Credit Default Swap) atingiu o menor nível em quase 10 anos, situando-se abaixo de 100 pontos – 97,2 – depois de um pico de 534, em 2015, primeiro ano da recessão desta década. Em um momento em que não faltam fatores de turbulência no plano internacional, o reconhecimento da S&P e o reduzido risco-Brasil são troféus que não devem ser subestimados, particularmente para um país que não pode prescindir de poupança externa.

Entretanto, ainda falta ao país um processo mais rápido de ajustes institucionais, o que – em médio e longo prazo – poderia conferir maior consistência à retomada do crescimento econômico. Note-se que melhoras na vertente institucional – em que ainda há muito espaço para avanços, dado o atraso do país nessa área – podem ter impactos significativos, tanto em curto prazo (simplificação de mecanismos tributários e redução de custos de transação para abertura e fechamento de empresas são exemplos) quanto em longo prazo. Mudanças institucionais que melhorem o ambiente de negócios, façam o país avançar em acordos comerciais, permitam um processo planejado de ampliação da abertura da economia, parcerias público-privadas e adequadas agências reguladoras, não são facilmente implementáveis e exigem tempo condicionado à Política.

BIBLIOGRAFIA

DEPARTAMENTO ECONÔMICO-BANCO CENTRAL DO BRASIL (DEPEC-BCB). **Índice de Atividade Econômica**. Outubro/2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contas Nacionais Trimestrais**. Novembro/2019.

Pesquisa Mensal do Comércio. Outubro/2019.

Pesquisa Mensal dos Serviços. Outubro/2019.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Outubro/2019.

Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor. Novembro/2019.

EXPEDIENTE FECOMÉRCIO-PE

Presidente: Bernardo Peixoto
Diretora-executiva do Instituto Fecomércio:
Brena Castelo Branco
Economista: Rafael Ramos
Designer Gráfico: Nilo Monteiro

EXPEDIENTE CEPLAN-PE

Osmil Galindo | Economista
Ademilson Saraiva | Economista
Roberto Alves | Estatístico
Jorge Jatobá | Economista
Tania Bacelar | Economista

Sede provisória Rua do Sossego, 264, Boa Vista,
Recife, Pernambuco, CEP 50.050-080
Tel.: (81) 3231-5393 (PABX)

Anexo: Rua Bispo Cardoso Ayres, 147, Sala 105,
Santo Amaro (esquina com a Rua do Príncipe)
Recife, Pernambuco, Brasil, CEP 50.050-135
Tel.: (81) 3423-8423 | 3423-7440 (PABX)

